



A POÉTICA DE AUGUSTO DE CAMPOS: UMA PROPOSTA DE LEITURA SEMIÓTICA PARA O ENSINO MÉDIO COM ÊNFASE NO MODO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICO

Janaína da C. Jerônimo Lira Expedito Ferraz Jr.

Universidade Federal da Paraíba -

Janaina_lira@yahoo.com.br

Expedito Ferraz Jr.

Universidade Federal da Paraíba –

expeditoferrazjr@gmail.com

No presente trabalho, expomos uma proposta de leitura baseada na semiótica peirciana como uma possível ferramenta metodológica no ensino de literatura do ensino médio. Para tal, elegemos um poema de Augusto de Campos, dando ênfase ao modo de representação simbólico que possa se apresentar no texto. Campos é um dos maiores poetas brasileiros vivo, sua obra incisiva e versátil é ainda pouco explorada nas aulas de literatura do ensino médio. Embora tenha se destacado como um dos principais poetas e fundadores do movimento concretista, ele escreveu, no início da carreira, em versos livres. Em virtude disso, enfatizaremos esse momento de sua poética pouco conhecida e divulgada. A leitura dos poemas com ou sem recursos gráficos é uma experiência imprescindível aos leitores de qualquer idade. O ensino de literatura é uma prática desafiadora para o professor de língua portuguesa. Isto por que os manuais apresentam textos fragmentados e/ou também historicizam a literatura, negando a experiência que o contato com texto possibilita. Neste sentido, a semiótica peirciana promove a prática de leitura, partindo de elementos palpáveis presentes na linguagem literária que priorizam, assim, a obra e a sua relação com o leitor.

Palavras-chave: Leitura, Semiótica peirciana, Ensino de literatura, Augusto de Campos, Símbolo

1. INTRODUÇÃO

O ensino em literatura enquanto disciplina obrigatória vem sendo pensado e discutido por professores, pesquisadores e teóricos nos últimos anos em nosso país. Há um visível esgotamento dos métodos aplicados em sala de aula, dificultando, assim, a vivência efetiva dos jovens leitores com a obra literária. Esse problema perpassa todo ensino fundamental I e II e se materializa com maior nitidez no ensino médio, haja vista que é nesta fase em que o aluno é introduzido ao estudo sistemático da disciplina.

Contudo, mediante a identificação do problema, é imprescindível que possamos pensar nas possíveis soluções, uma vez que em subtraindo a experiência do literário na formação dos indivíduos, perdemos no desenvolvimento ético, cultural e político da sociedade. Nesse sentido, buscamos estudar Cosson (2006), Pinheiro (2007), Cereja (2004), Candido (2004). Ferraz (2012), Santaella (2012), Pignatari (2004).



Em virtude dos problemas expostos, acreditamos que a aplicação de semiótica no ensino de literatura do ensino médio pode se tornar uma excelente ferramenta metodológica para o professor em sala de aula, na medida em que privilegia a relação da obra literária com o leitor, além de tornar conhecido dos alunos o signo na perspectiva de Peirce, cuja valorização da linguagem vai além do verbocentrismo saussureano, haja vista que ele elege como signo a dimensão verbal e não verbal da linguagem humana. Para os jovens leitores, tal visão sobre a comunicação é de fundamental importância pelo fluxo de imagens que ocupa, cada vez mais, espaço em nossa sociedade, através dos hipertextos dos quais se apropriam nossos alunos ao utilizarem as redes sociais e uma diversidade de equipamentos eletrônicos que nos convidam a repensar a atividade leitora.

Sendo assim, também, em se tratando da abordagem da poesia em sala de aula, a semiótica nos faculta, através dos modos de representação simbólico, indexical e icônico, diferentes formas de ler os recursos estéticos em que os poemas ou qualquer gênero literário se apresentem. Sobre isso reflete Ferraz (2012, p. 78):

Sobre uma possível conceituação do fenômeno literário com base na Teoria Geral dos Signos, esperamos ter chegado a uma fecunda indefinição: a constatação de que as categorias aqui aplicadas apontam caminhos, modos de ler, mas não nos fornece fórmulas para descrevermos a literariedade. Isto quer dizer que não nos parece produtivo, atrelar restritivamente o conceito de linguagem literária a qualquer dos três modos de representação aqui descritos [...]

Por esta razão, no presente trabalho propomos apresentar uma leitura do poema *Soneterapia* de Augusto de campos, com ênfase no modo de representação simbólico, tencionando apontar um possível caminho de leitura para o ensino de literatura em sala de aula.

1. PERCORRENDO OS CAMINHOS DO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: POUSO NA POESIA

Muitas são as reflexões tecidas sobre o ensino de literatura no Brasil. Basta um contato mínimo com a arte da imitação pela palavra para entendermos a necessidade de aplicá-la em todos os níveis de educação em nosso país. Todavia, é no ensino médio que este contato se torna sistemático, pois o aluno passa a ter aulas regulares de literatura. Nas escolas privadas, a disciplina de língua portuguesa é dividida em três partes, cuja divisão contempla o ensino de Gramática, Produção de texto e Literatura. Já nas escolas públicas, há um único professor para desenvolver os



conteúdos pertinentes a essas três modalidades da língua materna. Não é nosso objetivo aqui traçar um paralelo entre os dois tipos de ensino: o público e o privado. Mas, sobretudo, interessa-nos, analisar como é realizado o estudo de literatura no ensino médio, principalmente, no tocante ao estudo de poesia.

Na maioria das escolas públicas, o livro didático é a porta de entrada para o estudo de literatura, cujo conteúdo vem dividido em períodos históricos. Em virtude disto, as aulas dessa disciplina têm se delimitado, apenas, ao estudo da historiografia literária. Não que em algum momento essa abordagem não possa ser feita, porém ressaltamos aqui a experiência singular que é tornar acessível a obra literária aos leitores. Principalmente, aqueles que estão tendo o contado, pela primeira vez, com o ensino dessa arte. Neste sentido, Cosson (2006, p.21) afirma que:

O ensino de literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhados de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. [...]

Nesta perspectiva, constatamos que vem sendo oferecidas aulas de historiografia da literatura aos alunos do ensino médio. Logo, a leitura da obra literária acontece de modo esporádico, quando acontece. Desse modo, se torna impossível despertar o interesse de novos leitores para a literatura. Sem contarmos com as atividades extraclasse, que envolvem obras literárias, quando solicitadas pelo professor, são, geralmente, resumos e resenhas sobre um livro, facilmente, copiadas pelo aluno de sites e/ou baseada em filmes, quando a obra é adaptada para o cinema.

Ao professor, na maioria das vezes, compete o trabalho de investigador, atividade difícil de desempenhar quando se possui turmas superlotadas e/ou jornadas duplas de trabalho. É bem verdade, que muitas propostas que visam quebrar esse modelo estabelecido vêm sendo pensadas, por pesquisadores no assunto, em todo país. Faz-se necessário investigar o porquê dessa resistência dos professores em utilizar novas metodologias que privilegiem a leitura da obra literária, apartando-se do esquema historiográfico, cuja atuação no ensino de literatura é secular. No entender do pesquisador Cereja (2004, p.166)

A historiografia literária consolidou-se e legitimou-se como conteúdo, como disciplina e como prática de ensino de literatura por excelência. Qualquer proposta de ensino que enseje quebrar esse paradigma encontrará, com certeza, muitas dificuldade e resistência por parte dos professores.



Suspeitamos que a busca por novas metodologias passe pelo crivo “da boa vontade” do professor em querer inovar, todavia também por aspectos socioeconômicos e culturais desse profissional, que sofre com a jornada dupla de trabalho, com baixos salários, sem contarmos que ele mesmo não pode, na maioria das vezes, adquirir com frequência livros e/ou ler. Além do mais, comumente, a escola não dispõe de títulos desejados e suficientes para todos os alunos.

Outro procedimento utilizado pelos manuais é a fragmentação dos gêneros narrativos como romances e contos. Ocorre a mesma estratégia com os poemas, principalmente, quando mais extensos. Sobre esse ponto de vista, elucida Cosson (2006, p.21): “Os textos literários, quando compõem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários.” Esse artifício contribui também para uma aproximação superficial com a arte literária, não oportunizando a formação de leitores proficientes e nem tampouco a fruição do prazer que toda arte proporciona aos seus apreciadores, ou que deveria oferecer.

Contrapondo a proposta do livro didático, o professor pode contribuir para um trabalho mais efetivo com o poema na sala de aula, preparando antologias de um mesmo poeta ou poetas variados, recurso simples, econômico e que proporciona a leitura na íntegra do texto literário. Observando as características desse gênero, o professor tem infinitas motivações para utilizá-lo. Para Candido (2004, p.19):

A atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta. Sobretudo levando em consideração que a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso. Hoje o desenvolvimento do romance, do teatro em prosa mudou essas coisas, mas mostra por isto mesmo como toda literatura saiu da nebulosa criadora da poesia.

A tradição poética brasileira apresenta uma variada e rica produção, contudo, desde as primeiras séries do fundamental I e II, o trabalho com a poesia em sala de aula nem sempre é privilegiado, havendo preferência pela narrativa que, na maioria das vezes, é apresentada de modo fragmentado. Sobre isso ressalta Pinheiro (2007, p. 18):

Quando chegamos ao primeiro grau maior, (da quinta à oitava série) os problemas ficam mais dramáticos. Aqui, a poesia praticamente desaparece da sala de aula ou restringe-se a longos (e fatigantes) exercícios de interpretação. O agravante é que quase não há obras poéticas minimamente adequadas a esse público – como há para o público infantil. E mesmo a garimpagem em nossos melhores poetas (o que é uma saída possível e recomendável) não existe, porque, de fato, não temos professores/leitores de poesia. Afirmamos que aqui a situação é mais dramática porque o professor tem formação específica em Letras e supõe-se que tenham ao



menos um conhecimento mínimo de nossa tradição poética. O que é apenas uma suposição. De fato, de português e de literatura não procuram despertar o senso poético do aluno, não se interessa por uma educação de sensibilidade de seus alunos.

Neste procedimento, em que a poesia é pouco prestigiada no espaço escolar, alguns poetas, de grande relevância para a nossa literatura, não passam de ilustres desconhecidos entre os jovens leitores do ensino médio. Suspeitamos que isso ocorra com o poeta Augusto de campos, que ao lado de seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, criou um dos movimentos mais importantes para a literatura brasileira: o concretismo.

Augusto de Campos, além de crítico de literatura e música, ensaísta, tradutor, é sem dúvida um dos maiores poetas brasileiro vivo, com uma vasta produção literária que soma mais de 60 anos de atividade. Em 51, lança o seu primeiro livro *O rei menos o reino*, uma obra lírica que mostra a filiação, inicial, do poeta com a tradição literária.

Acreditamos que abordar a poética de Campos em sala de aula, quer seja a poesia concreta, quer seja a poesia ligada aos versos livres ou a intersemiótica, é facultar ao aluno uma experiência única, humanizadora e crítica. Como proposta de trabalho, escolhemos analisar o poema *soneterapia*, sem recursos visuais, de campos à luz da semiótica peirciana.

2. A APLICAÇÃO DA SEMIÓTICA PEIRCIANA NO ENSINO DE LITERATURA NO NÍVEL MÉDIO: UMA PROPOSTA

Acreditamos que a semiótica peirciana é uma das mais importantes ciências da linguagem consolidada no século XX. Ela nasce depois de um percurso quase infundável, cujo pontapé inicial deu-se como estudos de Platão e Aristóteles na Grécia Antiga, e deságua nos Estados Unidos da América, a partir de um exaustivo trabalho desenvolvido por Charlers Sanders Peirce. Sobre a importância da semiótica para os estudos em literatura, Pignatari (2004, p.22) informa que:

situar mais claramente o signo verbal em relação aos demais signos é uma tarefa de primeira ordem (...) para a compreensão do fenômeno literário”. A semiótica evita o simples ato de “verbalizar, em torno de um fenômeno literário, dota o pesquisador de meios mais eficazes para o exame do signo verbal e não verbal.

Por este motivo, tomamos a semiótica como teoria ou ferramenta para desenvolvermos o trabalho de leitura de poesia. Para Jakobson (1999, p.99) Peirce “foi o mais inventivo e universal dos pesquisadores norte-americanos de linguagem do século passado”. Destaca, ainda, a



consciência que o pesquisador tinha de si e do caráter pioneiro do trabalho por ele desenvolvido. Posto que diante da imensidão de estudos que poderiam arrolar da ciência por ele fundada, ele tinha consciência que estava, apenas, diante da ponta de iceberg. Sobre Peirce, Santaella (2012, p. 01) ressalta:

Ele foi um gênio polivalente. Dedicou-se às diversas áreas da ciência: matemática, física, astronomia, química, linguística, psicologia, história, lógica e filosofia. Foram tantas áreas devido ao fato de que o seu talento o destinava para a lógica, mais propriamente a lógica das ciências. Nas diversas áreas das ciências, buscava o conhecimento dos métodos e dos fundamentos lógicos subjacentes a eles. Aí está a chave de sua semiótica pensada como uma lógica um sentido amplo.

Paralelamente, a contribuição da semiótica para os estudos das diversas linguagens, a partir da dinamicidade de Peirce, ainda pouco divulgada entre os pesquisadores e estudantes de letras, o século XX, também viu surgir, no campo da linguística, o trabalho desenvolvido por Ferdinand Saussure. Esse pesquisador ganhou notoriedade entre os estudiosos da linguagem.

O pesquisador Jakobson (1995, p.100) analisa os pontos de convergência e de divergência entre estes dois pesquisadores, ambos delimitaram diferenças entre o significante e o significado. Enquanto Peirce conseguiu distinguir três categorias essenciais de signos: O ícone, responsável pela relação de semelhança; o índice, responsável diretamente pela relação de contiguidade; o símbolo, responsável pela relação de convenção. Saussure estabelece o princípio de arbitrariedade do signo linguístico, sendo, uma das regras gerais que regula a linguística. Todavia, muitos estudiosos têm questionado tal princípio, provando que ele não é tão arbitrário assim, a exemplo de Peirce.

A semiótica peirceana está centrada, conforme apontamentos de Santaella (2012, p.3) na gramática especulativa, a lógica crítica, a metodêutica ou retórica especulativa. A primeira abrange o estudo dos vários tipos de signos e os aspectos de pensamento a eles atrelados. A segunda se fundamenta na diversidade de signos existentes e analisa os pressupostos, argumentos que estabelecem a partir do signo. Finalmente, o terceiro ramo da semiótica metodêutica tem como objetivo traçar um exame sobre os preceitos do método da ciência, como esta deve se comportar.

Para delimitarmos as categorias de signos criadas por Charles Sanders Peirce na descrição da gramática especulativa que servirão de base para a nossa proposta da semiótica aplicada à literatura: o símbolo, o índice e o ícone, cujo destaque no presente trabalho está centrado no modo de representação simbólico, é preciso descrever a concepção de signo para Peirce.

O signo pode ser considerado toda palavra escrita ou oral, mas também a imagem que se refira a um determinado objeto. Logo, signo é todo expediente do qual os seres humanos lançam



mão para representar alguma coisa. Isso também passa por todas as construções hipotéticas das atividades mentais dos indivíduos. Colaborando para a construção do conceito de signo, conforme a Teoria Geral dos Signos, Ferraz (2012, p. 11) alude:

Chamaremos de signo a tudo aquilo que utilizamos para representar algo, enquanto o termo objeto será usado para designar aquilo a que os signos se referem. Quando associamos logicamente um determinado signo a um objeto (por exemplo, quando lemos ou ouvimos a palavra livro e sabemos que ele designa a coisa livro [...]), criamos mentalmente um novo signo, que denominamos interpretante. O interpretante mantém com o objeto uma relação equivalente àquela que une o primeiro signo a esse objeto. [...] o interpretante é uma espécie de tradução desse primeiro signo.

A esse processo que gera um mecanismo infinito de criação de novos signos chamamos de semióse ilimitada. Por assim dizer, a semiótica tenta descrever a ação ilimitada da elaboração dos pensamentos humanos. Nesta teoria tudo pode ser compreendido como signo, o homem, o estado de humor, o riso, o olhar, os pensamentos, o mundo que habitamos. O signo é o meio e o fim de todas as coisas, porque não criamos, não existimos fora dele. A pesquisadora Lúcia Santaella (2012, p.12), ao refletir sobre as propriedades que dão fundamento ao signo, propõe:

Se qualquer coisa pode ser um signo, o que é preciso haver nela para que possa funcionar como um signo? Para Peirce, entre as infinitas possibilidades materiais, substanciais etc. que as coisas têm, há três propriedades formais, que lhes dão capacidade para funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência, quer dizer o simples fato de existir, e seu caráter de lei. Na base do signo, estão [...] as três categorias fenomenológicas. Ora, essas três propriedades são comuns a todas as coisas. Pela qualidade tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, pela lei, tudo deve ser signo. É por isso que tudo pode ser signo, sem deixar de ter suas outras propriedades.

Das tríades peircianas, destacamos aquela considerada por Peirce a mais importante, a segunda tricotomia: o ícone, o símbolo, e o índice, que se relacionam com o objeto. E, dessas, três centralizaremos nosso olhar no modo de representação simbólico.

Na definição de Santaella (2000, p. 110), “Um ícone é um signo se ele se assemelhar ao seu objeto e se a qualidade ou caráter, no qual essa semelhança está fundada, pertencer ao próprio signo, quer seu objeto exista ou não”. Pelo grau de semelhança que o ícone guarda com o objeto representado, ele pode ser compreendido como um quase-objeto, destaca-se, assim, a semelhança.

O índice ou modo de representação icônica fundamenta-se pelo princípio da contiguidade, mantém uma conexão real com o objeto. Assim apresenta uma maior facilidade na exemplificação do que os signos icônico e simbólico. Estabelecem ainda uma relação entre duas instâncias: *representamen* e objeto. Demonstrando atuação desse signo na literatura, Ferraz (2012, p.40) aponta que “um livro impresso é índice do processo tecnológico que lhe deu acesso”, prevalecendo sempre às relações duais.



O símbolo ou o modo de representação simbólico pode ser entendido como tudo aquilo que se torna convencional a partir dos códigos de costumes e uso da língua numa determinada sociedade. Neste caso, Santaella (2012, p. 14) acrescenta se essa relação “for uma lei será um símbolo”, dependendo do fundamento, ou seja, da propriedade do signo que está sendo considerada, será diferente a maneira como ele poderá representar o seu objeto.

4. APLICAÇÃO DO MODO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICO NO POEMA DE AUGUSTO DE CAMPOS: UMA LEITURA

Ao tomarmos a semiótica como base teórica para analisarmos o poema de Augusto de Campos, é importante salientar que os três signos ou modos de representação da linguagem: o símbolo, o índice e o ícone, geralmente, ocorrem ao mesmo tempo, numa dada situação de comunicação. Contudo, de acordo com a ocorrência pode haver predominância de um signo num determinado contexto. No poema em análise, destacam-se além de signos simbólicos e indexicais, todavia nos propomos no presente trabalho analisarmos os símbolos por eles se destacarem com relevância na semiose do poema em questão.

O poema “Soneterapia” foi publicado pela primeira vez na revista NAVILOUCA, no ano 1975.

Vejam o poema:

SONETERAPIA

"desta vez acabo a obra" (Gregório de Matos)

Drummond perdeu a pedra: é drummundano
João Cabral entrou pra academia
custou mas descobriram que caetano
era o poeta (como eu já dizia)

o concretismo é frio e desumano
dizem todos (tirando uma fatia)
e enquanto nós entramos pelo cano
os humanos entregam a poesia

nageléia geral da nossa história
Sousândrade kilkerry oswald vaiados
estão comendo as pedras da vitória

quem não se comunica dá a dica:
tó pra vocês chupins desmemoriados
só o incomunicável comunica



No poema acima, a começar pelo título, *soneterapia*, o poeta se apoia no modo de representação simbólico, ao utilizar os signos: soneto e terapia, no sentido convencional, denotativo da linguagem. Ele cria, portanto, o neologismo a partir da junção das palavras citadas. O título do poema aponta para o tema que será desenvolvido. Neste caso, uma terapia a partir da elaboração do soneto e, se a palavra terapia significa tratamento de doenças, logo ele se propõe a tratar uma “doença”. Aqui já percebemos uma possibilidade de leitura, a partir do surgimento de um ponto de vista implícito que sinaliza para a crítica subjacente ao título e que vai se tornando, cada vez mais, explícita e contumaz na medida em que o tema passa a ser desenvolvido.

Já na leitura da primeira estrofe, percebemos que o tema exposto é uma crítica, mas do que irônica, sarcástica, para a crítica recebida por todos aqueles poetas que, ao inovar no campo da linguagem, não foram aceitos, inicialmente, provavelmente pelos críticos e toda à tradição literária do período anterior, paralelo e pós o concretismo.

drummond perdeu a pedra: é drummundano
joão cabral entrou pra academia
custou mas descobriram que caetano
era o poeta (como eu já dizia)

Muito embora ressalte aos olhos signos indexicais ou indiciais, desde a epígrafe, aos nomes de poetas, como Gregório de Matos, João Cabral, Kilkerry dentre outros; além de menção a movimentos como o concretismo e a tropicalismo, como também a referência à expressão *geleia geral*, termo criado por Décio Pignatari para designar o contexto cultura em que surgiu o tropicalismo, servindo de título, ainda, para uma canção-protesto composta por Gilberto Gil e Torquato Neto, não é nosso objetivo, no presente trabalho, nos deter em tal análise. Ressaltamos, apenas, que os índices se configuram, também, por esse caráter de referência, por manter uma relação direta com o objeto.

na geleia geral da nossa história
sousândrade kilkerry oswald vaiados
estão comendo as pedras da vitória

Sobre o modo de representação simbólico, podemos dizer que de uma forma sagaz, se estabelece à relação entre dois hábitos do código literário: forma e conteúdo. No caso do primeiro, temos uma das formas fixas mais convencionais da tradição literária, o soneto, que reflete toda uma tradição ligada às escolas parnasiana e romântica, ao passo que esse rigor formal da representação



simbólica é quebrada pela não confirmação de conteúdos líricos, que expressem sentimentalismo e idealizações românticas tão comuns aos sonetos. Isto posto, temos um conteúdo que apresenta um tom de quem conversa, mas do que isso desabafa, brada, expressando um tom irônico, sarcástico, típico da modernidade.

o concretismo é frio e desumano
dizem todos (tirando uma fatia)
e enquanto nós entramos pelo cano
os humanos entregam a poesia

quem não se comunica dá a dica:
tó pra vocês chupins desmemoriados
só o incomunicável comunica

Na última estrofe, o poeta arremata, surpreendendo toda a expectativa que a leitura de um poema em forma de soneto poderia suscitar, migrando do tom ácido para um tom provocativo, agressivo.

quem não se comunica dá a dica:
tó pra vocês chupins desmemoriados
só o incomunicável comunica

Podemos afirmar que o modo de representação simbólico é ressaltado em todo poema a partir do uso que o poeta faz da língua enquanto convenção, além da forma fixa soneto, estabelecida como uma regra de composição pela tradição literária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de leitura de poesia ou de qualquer gênero, com base na semiótica peirciana, poderá ser um instrumento metodológico relevante para ser utilizado nas aulas de literatura do nível médio, na medida em que enfatiza os códigos linguísticos e literários presentificados na obra literária. Desse modo, não há como fugir da leitura da obra literária, priorizando a relação dessa com os possíveis leitores, o que torna uma experiência dinâmica, por proporcionar a vivência com prazer estético.

Sem contarmos que a proposta de signo em Peirce ultrapassa os códigos linguísticos, sendo uma excelente metodologia para o trabalho com outros códigos da linguagem como cinema, publicidade, artes plásticas, etc. Todo trabalho com a semiótica pode assumir o caráter



intersemiótico, justamente por ela admitir como signo toda a linguagem não verbal.

Conforme mencionarmos, no início desse trabalho, nos propomos a ler o poema *soneterapia* de Augusto de Campos a partir do modo de representação simbólico. E pudemos constatar que uma leitura de um poema nunca vai eleger apenas um modo de representação, quer seja ele simbólico, idexical ou icônico. Na verdade, é a semiose do texto que vai nos nortear sobre o signo ou os signos que estão sendo mais exaltados, numa dada materialização comunicativa.

No caso do poema em questão, a presença da legitimação do signo soneto, pelo hábito, pelas convenções humanas no tocante à linguagem foi determinante para a construção de toda teia de ironia e de sarcasmo construídos pelo poeta, para elaborar a crítica a todos aqueles que não compreenderam a inovação da linguagem proposta por poetas modernos e movimento de vanguarda como o concretismo e o tropicalismo.

Em suma, é inegável que o trabalho com a Teoria Geral dos Signos é uma alternativa que prioriza a leitura e a linguagem literária, abordando os temas desenvolvidos nos poemas e demais gêneros literários e não faz uso de metodologia centrada na historiografia da literatura apenas para fins decorativos.

6. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Augusto. **Viva Vaia**. São Paulo: Ateliê, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CEREJA, William Roberto. **Uma Proposta Dialógica de Ensino de Literatura**. São Paulo, 2004. Tese de doutorado defendida pela Pontifícia Universidade Católica.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FERRAZ JÚNIOR, Expedito. **Semiótica aplicada à linguagem literária**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2012.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: 1995.

PIGNATARI, Décio. **Literatura e Semiótica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na Sala de Aula**. João Pessoa: Idéia, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____. Noth, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997 – 6ª reimp, 2013.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br